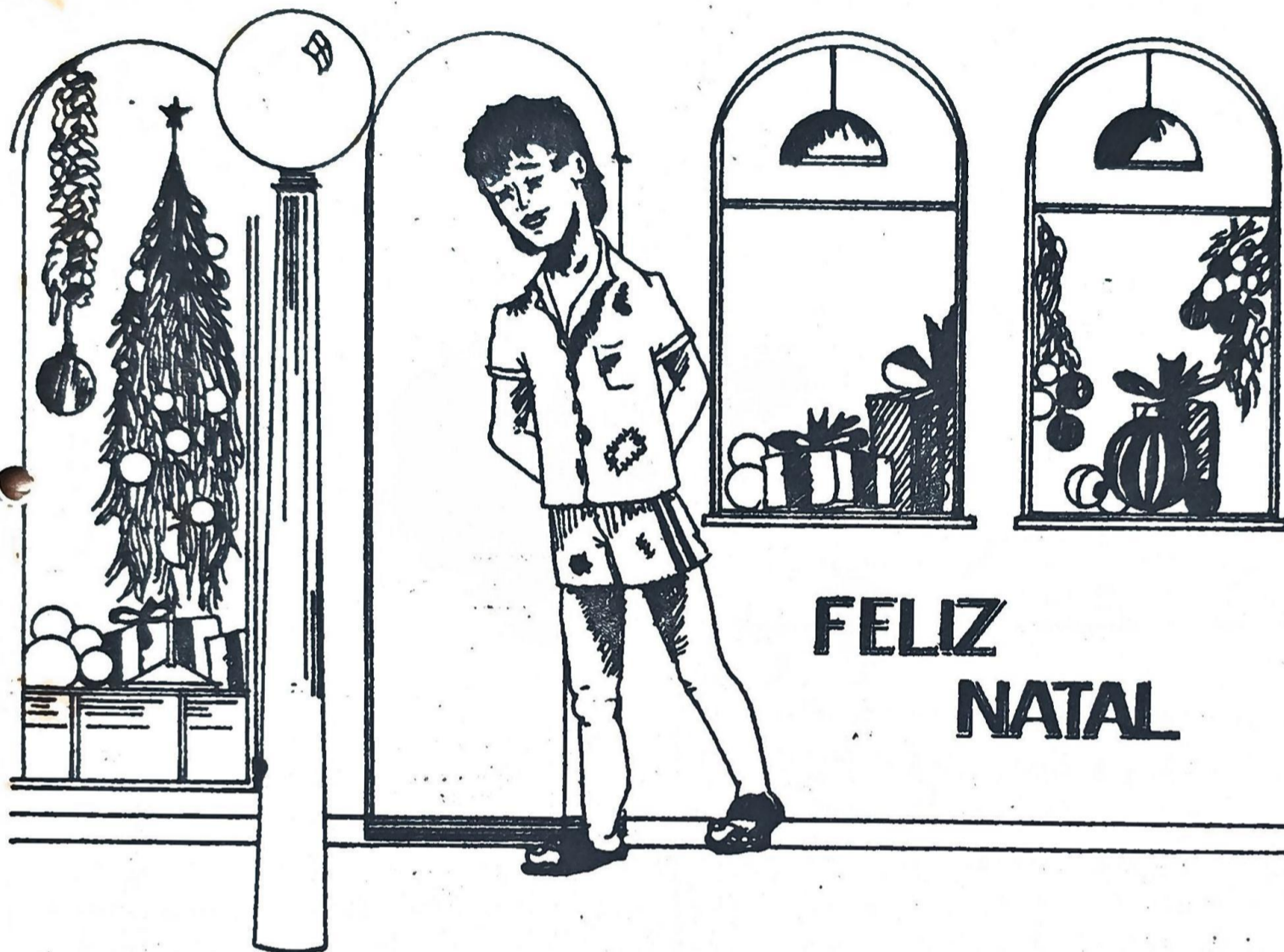
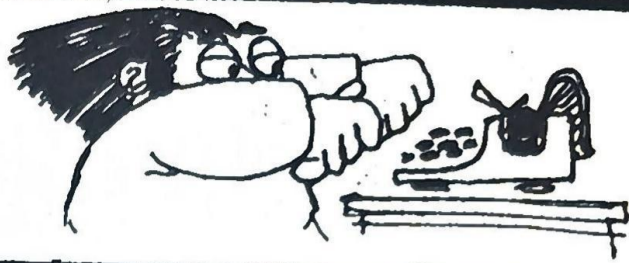


# PAUSA.

BRASÍLIA, ANO I - Nº 02. DEZEMBRO/78



FELIZ  
NATAL

## \* MENTIRA DE PAPAI NOEL

Sentado em pobre leito um homem doente,  
Mal de saúde e de finanças mal,  
Tristonho pensa como dar presente  
Ao filhinho no próximo Natal.

E ao vê-lo aflito, a esposa que é prudente  
Diz algo ao pequenino do casal...  
Mas, o marido escuta e impaciente,  
Erguendo o olhar ao espaço sideral,

Angustiado se revolta e brada:  
Esta vida, meu Deus, não vale nada,  
E do pobre o destino é o mais cruel !...

Meu filhinho entre nós não há segredos...  
Menino pobre não ganha brinquedos,  
Nem tem visitas de Papai Noel !..!

\* Olímpio Cruz

# EDITORIAL

GERIR LUNA

Iniciativa privada, ou salve as nossas almas da qualidade total.

Não que sejamos contra as grandes organizações comerciais e as coisas boas que elas nos proporcionam, mas é preciso que existam pessoas comuns, fazendo coisas comuns. Assim é que pretendemos fazer o nosso jornalzinho: com ternura, erros e vontade de acertar.

Pretendemos continuar com os amigos de Barra do Corda e com os amigos de Brasília, desejosos de que comunguem conosco nesse ideal de um diálogo cotidiano, escrevendo poesias, fazendo críticas, imprimindo as coisas o tanto pessoal que dá cores ao mundo.

Continuar com o jornal significa continuar com os amigos da comunidade, significa fazer novos amigos, novas comunidades de sonhadores, que, contaminados pelo germe da eloquência humana, quem sabe, venhamos a ser jornalistas de fato; necessários poetas. Entretanto, a nossa imediata intenção é conversar com as pessoas formando um grande cordão.

Acreditamos em Deus, acreditamos no amor, acreditamos em nós e nos nossos amigos. É o que acreditamos e professamos; toda paz, toda nossa amizade neste Natal, festa de nascimento. Estaremos juntos nas festas de fim de ano, em todos os momentos felizes, ou não, de 1979. É o que desejamos.

## CARTAS

Sr. Diretor:

Recebi o jornalzinho. Foi mesmo uma bela surpresa. (...) A linguagem bonita, elegante, correta (...) Surpresa dupla; satisfação dupla; duplo agradecimento, (...) Fiquei muito feliz e almejo de todo o coração que o jornalzinho a que tive a honra de receber, seja realmente o início, o marco de uma grande realização. Imagino a luta, o sacrifício (...) Em frente!!!!!!

Clésia de Moraes Diniz.  
Salvador - BA.

Sr. Diretor:

(.....) Recebi, li, e reli com muito prazer o dito jornalzinho, (...) Portanto, todo o meu apoio de humilde cordino, mas que sabe apreciar e dar valor às coisas belas. (...) coragem, muita coragem, e meus parabéns a todos vocês, e feliz êxito nos trabalhos. De já agradeço.

Justino Soares de abreu.  
Barra do Corda - Ma.

## PAUSA

A N O I - Nº 2 - BRASÍLIA, DF - DEZEMBRO/78

<u>Diretor Geral</u>	<u>Redação</u>	<u>Capa</u>	<u>Colaboradores</u>
Eider Moraes	Aldomir Luna	Paulo Luna	Antonio Vieira - Gilson Pacheco - Guajajara Uchôa
<u>Editor Geral</u>	Edmilson Barros	e	José Milhomem - Murilo Nobrega - Nonato Cruz - Olímpio Cruz - Paulo Reginaldo
Olímpio Cruz Júnior	<u>Revisão</u> Hormes Pereira	Aelto Luna	- Sebastião Artur - - - -

## ENDEREÇO

Q. E. - 04 - Conj. "E" Casa - 65 Guará - I

Olimpio Cruz

"Cinco anos depois, pela Lei provincial nº 342, de 31 de maio de 1854, foi elevada à categoria de vila".

"A Capela foi também ereta em freguesia pela Lei provincial nº 368, de 24 de julho de 1854".

"Por uma correspondência publicada no país, de 24 de fevereiro do corrente ano, sabemos que ali há pouco tempo se constrói num largo uma igreja com boas madeiras que disputam a duração aos muros de pedra e cal, não cotendo ainda as suas paredes tapadas de barro, senão as da capela-mor".

"Há dez anos, pouco mais ou menos, que se principiou a edificar no Largo da Matriz uma casa para servir de cadeia, e para as sessões da Câmara e Jury".

"Em 1860, havia 7 engenhos de madeira, sendo cinco para o fabrico do rapaduras e 2 para o aguardente, produzindo um deles 300 arrobas de açúcar e 2.500 frascos de aguardente".

"Em 1869, a vila tinha 17 casas de telha, sendo apenas 5 caiadas, 98 cobertas de palha e construídas de taipa".

"Contava, então, a população de 512 pessoas livres, sendo duzentos e setenta e oito homens e duzentos e trinta e quatro mulheres, e de setenta e dois escravos, sendo trinta e três homens e trinta e nove mulheres".

"No dia 22 de agosto de 1866, deu fundo na Barra do Corda o vapor São João Vencedor, depois de péssima viagem, cujas dificuldades mais se agravaram pelo estado do rio, chegando um pouco estragado, já por ter batido em uma cachoeira e já pelo choque de muitas madeiras que encontrou no rio: assim mesmo venceu ele, sendo obrigado a parar para cortar lenha e reparar algum desarranjo na máquina, 90 léguas em 12 dias, rio acima".

"Grande foi o entusiasmo da população, vendo pela primeira vez no rio balouçar-se um vapor, elemento de ordem, de vida e de progresso, devido tudo ao gênio incansável e empreendedor de M. Portal, que não olha para obstáculos quando há adiante a glória para si e o bem para a terra que o acolheu".

Logo após haver cessado as lutas travadas pela Independência, dizem que por motivo de família, o então Al

feres Melo Uchoa, já ultimamente promovido ao posto de Tenente de Primeira Linha, foi residir em Riachão, ao sul do Estado, de onde, já influenciado por alguns de seus amigos que, na época, eram importantes figuras políticas, teria sido incumbido de procurar um lugar apropriado para a fundação de uma povoação que ficasse entre Passos Bons e a antiga e rebelde Vila da Chapada, atualmente, Grajaú; isso, com o intuito de facilitar as comunicações, ou mesmo com finalidade política, para evitar que os eleitores dispersos na região tivessem que percorrer grandes distâncias".

Sempre resoluto, disposto a enfrentar qualquer empresa em prol de uma causa digna, aquele militar não se fez rogado, deixando ali entregue ao melhor clima da velha Província, o do Riachão, a sua esposa Dona Hermínia Francisca Felizarda Rodrigues da Cunha, junto a alguns filhos e parentes. E partiu, atravessando a vasta campina denominada "Frutuoso", assim, penetrando pouco a pouco, ora nos cerrados, nas grandes faixas de mata verde, ainda existentes naquela época, ora descendo pelos largos chapadões que se estendem de uma serra à outra. Muitas vezes faziam grandes curvas, e vitando passagens de rios que transbordavam durante o rigor do inverno, como os rios Neves, Cachoeira e Maravilha, inclusive, também, alguns largos e profundos ribeirões.

Depois de vários dias de penosa viagem, tendo alcançado as cabeceiras do rio Alpercatas, prosseguiu margeando este e, mais abaixo o rio Itapecuru, até alcançar a fazenda "Consolação", de propriedade de uma rica senhora, Dona Felicidade, em cujo local, anos depois, surgiria a antiga cidade de Picos, hoje a próspera cidade de Colinas, de onde após alguns dias de descanso, deu continuação à sua cansativa e esperançosa jornada; por último, dali, já tomando rumo quase definitivo, em busca da nascente do rio Corda ou de alguns dos seus principais afluentes, não se descuidando, entretanto, de evitar possíveis encontros com os índios guerreiros da antiga tribo dos Porikis, que habitavam aquelas bandas.

CONTINUAREMOS NOS PRÓXIMOS NÚMEROS.

N T O Q U E

O nosso jornal agradece todo incentivo que vem recebendo, apesar de ser pouco. Por isso irmãos, contamos com a sua colaboração. Tá falado?

Olimpio C. Júnior

Até o final de dezembro, a Casa do Maranhão, deverá se reunir com intuito de oficializar chapas da nova Diretoria e mudança estatutária.

Gilson Pacheco

O poeta Olímpio Cruz, recebeu da União de Trovadores, Seção Niterói, um troféu, por sua participação em concurso sobre trovas sob o tema "espumas". Em Sete Lagoas foi classificado com o tema "ciúmes", obtendo menção honrosa.

Eider Moraes

Estive em nossa cidade, no dia 30/11/76, com o objetivo de liberação de sua última peça teatral, "O Rubi no umbigo", o poeta maranhense Ferreira Gullar.

Gilson Pacheco

O artista plástico Dú Maranhão e o deputado estadual Fernando Falcão foram homenageados, dia 10 último, pela diretoria da Casa do Maranhão. O jantar ocorreu na churrascaria, em "Petit Comitê", transcorreu bastante animado. Fizeram-se ouvir Antonio Machado e Nonato Cruz saudando os homenageados. Em resposta, agradecendo a homenagem, falaram Fernando Falcão e Dú Maranhão. Foi uma noite agradabilíssima. (Guajajara Uchôa).

"UMA OUTRA VISÃO"

Estive em Brasília de 27 do novembro a 03 de dezembro último, expondo eplativamente no salão do Touring, o jovem artista barracordense Domingos Augusto Maranhão.

Dú Maranhão, seu nome artístico, já realizou sete exposições coletivas: tres em Brasília, uma em Goiânia, uma no Rio de Janeiro e uma em Barra do Corda. Nessa última de Brasília trouxera, como ele próprio explica, uma das suas obras primas — A CEIA — e complementa: "em estilo diferente, mas não querendo fugir da rotina dos outros artistas, mas veio-me uma outra visão diferente que coloquei em prática. O valor desta peça segundo afirmou o crítico português Lemoiron no Rio, será no mínimo Cr\$ 30.000 — esta obra faz parte do acervo cultural-artístico do Inera".

Iniciou no campo da arte há tres anos, quando foi apresentado pelo Club das Mães de BDC, a um engenheiro do Inera que fazia levantamentos de novos artistas. Logo depois, convidado pelo órgão governamental para cursos no Rio e em Brasília. Isso se deu, segundo Domingos, devido a uma política de instituição de aproveitar os colonos, e em entressafra, durante 4 a 5 meses, e devido ser funcionário da repartição.

Artesão em talhas, escultor em cerâmicas, pintor em telas e ainda faz montagens em papelão, que só no Rio se faz, ressaltou.

Com uma escola em BDC, assegura que pelo menos dois alunos, no momento têm condições de sobressair-se: Jurandir e Wolkennedy.

Para o futuro, agora numa mostra individual em Brasília, montará um trabalho sobre o Alto Alegre, inspirado na obra do poeta Olímpio Cruz, num patrocínio da Casa do Maranhão.

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Muita gente se torna adulta e consequentemente séria por força das circunstâncias; mas toda pessoa séria é, por excelência, engraçada.

Se tivéssemos que escolher entre um mundo adulto cheio de mal-entendidos e desamor e um mundo de crianças, onde a fantasia fosse (como é fundamental, melhor seria ser uma eterna criança... (Hermes)

## FERNANDO FALCÃO, UMA NOVA LIDERANÇA QUE SURGE NA POLÍTICA DO MARANHÃO

As eleições realizadas a quinze de novembro último, no Estado do Maranhão, serviram para revelar algumas jovens lideranças emergentes no plano estadual. Assim é que, entre os novos valores recrutados para a Assembléia Legislativa do Maranhão, desponta o nome de Fernando Falcão, eleito com mais de dezessete mil votos, classificando-se entre os cinco primeiros mais votados.

Jovem, com mais de trinta anos de idade, Fernando Falcão disputou seu primeiro mandato eletivo em 1972 quando, enfrentando todo um esquema oficial de pressões, conquistou a Prefeitura Municipal de Barra do Corda e sobrepujou o seu então adversário com uma diferença de mais de dois mil votos num eleitorado de aproximadamente seis mil eleitores.

O seu trabalho à frente da Prefeitura cordina foi expressivo em realizações. E isto o credenciou de tal forma que, logo após concluir o seu mandato de Prefeito, foi convidado para dirigir o Projeto Integrado de Colonização do Inera, em Barra do Corda.

Dirigindo o PIC/BC, Fernando Falcão não só confirmou o seu conceito de bom administrador, como também tirou partido político da situação procurando estender as suas bases e leitorais a outros municípios do Estado. E o resultado foi o que se viu eleito deputado estadual com dezessete mil votos, o quarto classificado na votação geral do Estado.

Ainda com estilo provinciano, Fernando Falcão, apesar da expressiva votação, não perdeu o seu jeito simples de "carcamano folgozão", meio cabido de interior. Ex-motorista de caminhão, sem rebuscamentos no falar, "o carcamano", em conversa com a reportagem, relembra as suas origens e fala dos tempos em que deixou o Colégio Pedro Segundo do Rio de Janeiro para, nos idos de 1960, com pouco mais de 20 anos de idade, fixar residência, praticamente, na boléia de um caminhão e rasgar estradas lamacentas do Maranhão e assumir inteiramente os negócios da família, já que um derrame cerebral havia prostrado, irremediavelmente,

num leito — até a morte — o seu genitor Alberto Falcão.

A partir daí, Fernando converteu-se pelos caminhos da política e disse que "só saio dela se for cassado pelo povo quando este não mais quiser me dar os seus votos".

Recentemente, o político barracordense esteve em Brasília. Veio procurar descansar alguns dias da estafante campanha eleitoral. Mesmo assim não descurou de sua atividade política. E, diariamente, percorria os Ministérios e outras repartições à procura de obter recursos e conseguir canalizar novas realizações para os municípios em que foi votado, principalmente Barra do Corda, a sua maior base eleitoral.

Quanto ao seu futuro posicionamento político na Assembléia Legislativa do Maranhão, Fernando Falcão manifestou-se muito cauteloso. Observou que, como deputado de primeira legislatura, de início, irá adquirir experiência, aprender o regimento interno da Assembléia e, sobretudo defender as reivindicações mais justas e sentidas das populações interioranas que, no seu entender "carecem de assistência médica e de apoio e incentivo à produção agrícola".

Com relação ao futuro governador João Castelo disse que, embora não tenha sido eleito com a ajuda — coquetagem do novo governador afirmou que, "como integrante da Arena, que sou, vejo o futuro Governo do Maranhão com grande expectativa e desejando que o Dr. João Castelo realize o Governo que dele todos os maranhenses esperam. De minha parte o Dr. João Castelo não encontrará nenhuma hostilidade. Pelo contrário, terá em mim um colaborador para votar todos os projetos que venham contribuir para o progresso do Estado e o bem-estar da gente maranhense". Por outro lado, acrescentou o político barracordense, "a minha voz não se calará jamais se forem cumpridas as ameaças de perseguições e de chicoteamento, em Barra do Corda, feita por políticos que foram fragorosamente batidos por mim nas urnas, com os votos livres dos homens e das mulheres de minha terra. Pessoalmente, acredito que as ameaças não passam de



UMA AVENTURA DE HERÓIS, PARA CAPACI-  
TAR-SE UM E SOMENTE UM.

Em uma sexta-feira de novembro estavam rumando a Bola Vieta, uma cidadezinha encravada no interior goiano, próxima a Goiânia, os jovens aventureiros: Antonio Silvino (Higino); Valdivino (Enio); Antonio da Prata (Ramon) e Zé da Prata (Gilson), — o primeiro, autor de uma façanha que só os brasileiros criativos e improvisados executam.

Às 22 horas da sexta-feira, ronca o motor do já bem conhecido fusca do Gilson, euforia de planos misturados à cachaca e cigarro, fora a tônica principal e nem mesmo deixaram escapar a capital Goiana — pois, até então, o esquema estava sendo cumprido normalmente. Os restaurantes, boates, etc. foram visitados em um piscar de olhos e, antes das cinco da manhã já se encontravam na cidadezinha, de ródos armadas na praça principal, onde tinha sido realizado um comício (visitado antes das eleições de novembro). Logo foram identificados e carimbados pela população local, como "os coitadinhos da praça". Lógicamente este sucesso alcançado tão rápido não estava programado e deduziram que o prefeito, tão logo os conhecesse, lhes entregaria a chave da cidade.

Na noite de sábado, fora realizado uma festa, como é comum no interior, no clube da cidade. Os nossos turistas galanteados pelas enobrecedoras companhias de conceituados jovens — uma das quais namorada do Ramon — que arrearam camas nos nobres

viandantes. Apogístico pela festança, o espirituoso Higino, às carroças, procurava a musa encantada, causando atropêlos com a diplomacia dos outros companheiros, circunspectos para não causar confusões.

Porém, não ficou por aí. A reunião alegre chegara ao final, todos voltavam para as camas e, deixaram dentro do carro dormindo aquele que tinha causado as maiores preocupações, Higino.

Ao amanhecer, lá pelas oito, ou nove da manhã, o moço além de ter vomitado o veículo todo, encontrava-se despido com uma platéia presenciando, a delirar, o sono despercebido de um herói. Os outros irritados declararam-se cúmplices e o vexame foi geral — vestiram o moço, mas ficou a vergonha para ser descontada na próxima viagem. (Eider)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O NEGÓCIO É DAR

...agora é o momento de dar a-  
mar, aqui e agora. Seremos uma co-  
munidade de fato quando comermos  
a pensar e agir com boa vontade, se-  
renidade e amor.

É festa, é N A T A L, vamos vi-  
ver com intensidade nosso amor po-  
las pessoas, pela vida; vamos  
por nossa alma naquilo em que parti-  
cipamos e que fazemos. É porque não  
fazer um time de futebol, uma festa,  
um jornal? Que tal? Estamos tentan-  
do o fazendo. Faça conosco; mande  
um recado, um artigo, um lápis, pa-  
pel, poema, caneta, borracha, uma  
sugestão. Estamos esperando,  
o endereço você sabe, dê para nós,  
vive conosco essa procura, seremos  
os maiores amigos do mundo. Você vai  
ver. (Aldemir Luna)



TODOS SOMOS RESPONSÁVEIS

Não fosse o descaso das instituições do Governo e da sociedade brasileira, em geral, não teríamos um quadro tão triste de crianças abandonadas e subnutridas.

Claro que não queremos colocar culpa em ninguém, pois sabemos que o erro vem da estrutura da nossa sociedade, está incluso nas desigualdades das várias regiões brasileiras, como concentração de renda e pólos industriais de um lado em detrimento do outro.

Para que isso acabasse, bastaria pensar que essas mesmas crianças, serão os adultos de amanhã e terão o en cargo de administrar o País e condu zí-lo ao seu destino de grande potência.

Todos devem saber que é fundamental a boa alimentação no início da vida da criança para que ela cre sça e seja um adulto sadio; ao contrário, a

subnutrição acarreta deficiências no crescimento, na capacidade de aprender e faz com que o organismo se torne muito vulnerável às doenças.

Essa mensagem vem a propósito do "ANCI INTERNACIONAL DA CRIANÇA" — 1979 —, que como percebemos, está recebendo demonstrações de apreço e solidariedade de todo o País.

O empreendimento requer muita coragem, muito carinho e conscientização, não só do Governo, como também de todo o povo.

Todos nós somos responsáveis pelo que há de vir para o bem da criança e nós acreditamos que a Nação inteira está convicta e empenhada em fazer com que, em breve, sejamos um Brasil de pessoas fortes e saudáveis, educadas e amigas, onde todo e qualquer brasileiro possa viver bem, com dignidade, orgulhando-se de sua terra. (Hermes).

A BRIGA PELA POSSE...

Depois do extermínio em 1901 da população do Alto Alegre (município de Barra do Corda), quando os índios arrasaram com o principiado povoado, em 1913, quando os "Arrudas" massacraram os indígenas — segundo o IBGE, só 60 índios, recheada esta estatística pelos nativos, afirmando que foram 300 as vítimas, e após conflitos em 1942, 1952 e 1963, agora os índios, tentam aumentar suas áreas territoriais, incorporando os lugares de Alto Alegre e São Pedro das Cássas

tes, podendo advir tormentos só vistos no passado.

Repentinamente ressurgiu a questão. Em um jornal da capital maranhense, atribuíram aos índios: "Os brancos dizem que são nossos amigos mas só querem nossas filhas e comprar o nosso produto barato". Além de apresentarem queixas por maus tratos.

Em Barra do Corda, a população tomada de assalto à questão, teme que a cidade seja o palco de operações sangrentas, mas otimistas

cont... (A briga pela posse)

acreditam no armistício antes do em-  
bate, conseqüentemente na resolução  
das partes beligerantes, sem causar  
danos às partes hostilizadas.

Enquanto a trégua não se concre-  
tiza, o assunto vai se tornando maté-  
ria de discussões, quando os "prós" e  
os "contras" negociam mutuamente, con-  
tornando gradativamente o litígio ex-  
istente. (E.A.M.).

oo

ORAÇÃO DO POETA

Obrigado, Senhor, pela música -  
mensageira da harmonia - que nos en-  
ternece a alma; pela água cristalina,  
pela esperança que anima os corações  
e pelo amor, que dá sentido à vida.  
São dádivas vossas: a solidariedade, o  
riso das crianças, a ternura das mãos  
a sabedoria da natureza, a justiça, o  
perdão, o remorso, que regenera os  
maus, e o próprio erro, quando induz  
à verdade. Temos o mar, o céu, a Ter-  
ra dadivosa, os animais que tanto  
nos servem, as flores - que são este-  
las da Terra - e as estrelas - que  
são as flores do céu. Destes ao ho-  
mem o milagre da mente, a sublimida-  
de do coração e a mediunidade da ins-  
piração, através da qual transporta-  
mos ao infinito. Pusestes ao nosso  
lado milhões de homens que enobrecer-  
am a vida com o exemplo de suas  
ações. Obrigado pelos mestres da pin-  
tura, da música, da escultura, e pe-  
las geniais criações literárias que  
nos enriquecem o espírito. Mas, são-

bretudo, obrigado, senhor, pela poe-  
sia, que é o conjunto de todas essas  
maravilhas e a revolução suprema do  
vosso amor, obrigado por ter-me fei-  
to sensível à face resplandecente da  
vossa beleza, que chegue até vós a  
nossa gratidão, porque vos dignastes  
ser o maior de todos os poetas!

Aparício Fernandes

.....-.....-.....-.....-.....-.....-.....-.....

QUE É DEUS

Perguntei às ondas do mar: "Que  
é Deus?" E elas me disseram: "Deus é  
o mar - e nós somos criaturas dele".

Perguntei a cada uma das sete co-  
res do arco-iris: "que é Deus?" E as  
cores me responderam: "Deus é a luz  
incolor - e nós somos filhas dela".

Perguntei a todos os ruídos do  
Universo: "Que é Deus?" E eles excl-  
maram: "Deus é o grande Silêncio -  
que nós gerou". Perguntei a todas as  
formas da terra - desde o triângulo,  
o círculo, o quadrado, até aos orga-  
nismos das plantas, dos insetos, das  
aves, dos peixes e dos animais: "Que  
é Deus?" E elas me disseram: "Deus é  
o mar - e nós somos Amorfo - que nos  
deu forma". Interroguiei às trevas da  
meia-noite: "Que é Deus?" E as tre-  
vas noturnas murmuraram: "Deus é o  
sol, e nós somos prole dele".

Indaguei a todas as plenitudes  
do Cosmos: "Que é Deus?" E as pleni-  
tudes cósmicas me responderam: "Deus  
é o eterno Vácuo, o Nirvana, o Nada-  
- que produziu os nossos Algos".

Perguntei a todos os seres consci-  
entes do mundo: "Que é Deus?" E to-  
dos concordaram: "Deus é o Infinito!  
Inconsciente - de cujas profundezas  
brotaram os nossos conscientes fini-  
tos". (HUBERTO ROHDEN) \*\*\* \*\*\*)

xx

RUBA'İYAT  
"A abóbada do céu  
se parece a uma taça  
emborcada. Sob ela  
em vão erram os sábios".  
OMAR KHAYYAM

## CASAMENTOS

Maria Lúcia C. de Araújo e Carlos Augusto; dia 06 de janeiro de 1979.

\*\*\*\*\*

José Lucas Filho e Joana Maria de Souza; dia 29 de dezembro de 1978.

\*\*\*\*\*

Paulo Henrique e Evangélica; dia 30 de dezembro de 1978.

\*\*\*\*\*

## ANIVERSÁRIO

Aniversariante do mês: Tânia Maria S. Freire; dia 05 de dezembro de 1978.

\*\*\*\*\*

## FORMATURA / FESTA

Nadja Maranhão e Antonio Araújo; dia 08 de dezembro de 1978, concluíram o 2º grau.

\*\*\*\*\*

## ÚLTIMAS

O nosso amigo Arnóbio Chaves (Barata), que retornará à cidade natal, foi homenageado com uma festa de despedida, pelos amigos; dia 16/12/78.

\*\*\*\*\*

Raimundo Nonato Cruz é lançado candidato à presidência da Casa do Maranhão. Compõe-se a chapa de: Carlos Alberto Milhomem; Silas Irineu; Gelásio Franco; Elias Cavalcante e outros.

\*\*\*\*\*

## SOB A LUZ DO NATAL

Abre-se diante de nós como uma chama viva que nos aquece, nos torna afáveis e amigos. É o Natal, Natal do Mestre a nos inspirar amor e alegria.

Meditemos nesse momento solene nas coisas que nos cercam: as flores, as árvores, as crianças, os amigos, nossos filhos, nossas esposas, elas fazem a nossa felicidade.

Vivemos juntos, assim caminhamos à sombra da justiça, procuremos a verdade e aperfeiçoemo-la, busquemos o amor e vivamo-lo. Só quem gosta de viver é capaz de amar.

A paz é alcançável, procuremo-la nessas coisas, vivamos em paz, paz interior, paz social.

Certamente nem todos pensarão assim: os atormentados pela fome, pelas guerras, pelo ódio, pelo medo, pelas enfermidades.

Lembremo-nos afinal: só quem sonha acalenta um ideal.

\*José Milhomem\*

## FALECIMENTOS

No início do mês de dezembro, faleceu aqui em Brasília, o conterrâneo maranhense Waldom Martins Jorge.

\*\*\*\*\*

Oton Mororó Milhomem, em Barra do Corda, Maranhão; dia 12 de dezembro de 1978.

\*\*\*\*\*

ROSAS, ROSAS, ROSAS...  
Maranhão Sobrinho

Quem conhece as obras do poeta cordino Maranhão Sobrinho? Acredito, e é uma verdade, que quase ninguém. Quando, agora completaria no dia 28 de dezembro seus 99 anos de nascimento, deploramos, lamentamos, seus 63 anos de passamento dia 25 de dezembro.

Sobrinho cantando, rindo, andando, lastimando, andando à procura de uma escola, criando modestamente um pedestal pelas suas andanças no início do século, diga-se de passagem, um transcurso mais que viajado e que todos demarcariam uma propensão para o épico, defendendo a natureza em si, total e grandiosa.

Merecia ser mais conhecido? Estes todos mais detalhados? Exatamente. Aquêles que se distinguem pela nobreza e candura da arte, não deveriam ser jogados ao léu, e sim ao corriqueiro — polemizado; e não só reconhecemos por sinais, isto é, estátuas, bandeiras, enfim, uma infinidade de declarações amorosas românticas para o eterno, quando o tempo tende ao esquecimento.

Em Rosas, Rosas, Rosas — um exuberante soneto e que ainda hoje é bem atual. É mais conhecido, ilustrado e copiado para não dizer, imitado.

Esse soneto que deslumbrava os sentidos do olfato; audição; gosto; visão e tato, enfim, trata-se de um objetivo, posicionamento do poe-

ta para atingir o grau meritório para com a natureza.

E nas marcantes palavras poéticas de Sobrinho, uno de seus poemas, considerado por muitos admiradores, capaz de realmente dizer, invocar suas potencialidades no campo da arte literária.

Rosas no céu, rosas nas cercas,  
rosas/nas tuas ombros e rosas no teu  
rosto;/rosas em tudo, e há chagas ve-  
ludosas/ de rosas cor de rosa no sol-  
-posto.../Florescem rosas de ais, ma-  
ravilhosas/ nas róseas fontes, rosas  
no recosto/ dos róseos montes se do-  
brçam! Rosas/em Abril, em Maio, em  
Junho, em Julho e em Agosto!/Se há  
noivados, há rosas nas redomas/ dos  
altares e há rosas invisíveis/ difun-  
do, no azul, róseos aromas!/ Se mor-  
re um anjo, as brancas nebulosas,/le-  
-va, entre as mãos de rosas marcesci-  
veis,/rosas, fechado num caixão de  
rosas...

NOTA:

As colaborações recebidas dos nossos leitores, e que não foram publicadas a falta de espaços — prometemos à publicação nos próximos números — como esperamos dos mesmos à constante colaboração e, esperamos, também, de outros, contribuições que nos estimule a prosseguir nossa incansável, sagaz luta. Nossos agradecimentos. O EDITOR